DIÁLOGOS E PRÁTICAS FEMINISTAS: AÇÕES ESTÉTICO-POLÍTICAS CONTEMPORÂNEAS

FEMINIST DIALOGUES AND PRACTICES: CONTEMPORARY AESTHETIC AND POLITICAL ACTIONS

Denise Berruezo Portinari [1]
Carlos Guilherme Mace Altmayer [2]
Nina Reis Côrtes [3]

Resumo: Os movimentos feministas contemporâneos reivindicam auto definição e auto controle de corpos e escolhas. O uso da arte, da performance, entre outros suportes estéticos é uma das principais ferramentas para a organização de suas práticas coletivas. Procurou-se relacionar diretamente teoria e prática, através do aprofundamento de dois exemplos de ações estético-políticas: a performance "Um violador em seu caminho" do Coletivo Las Tesis e o videoclipe "Eu sou peluda" da banda Guerrilha Garagem, utilizando referenciais teóricos dos estudos de gênero, sexualidade e estético-política dos corpos como, por exemplo, Judith Butler, Michel Foucault, Terry Eagleton e o manifesto do Coletivo 28 de Maio.
Palavras-chave: Estética; Feminismo; Política.

Abstract: Contemporary feminist movements fight for self-definition and self-control of their bodies and choices. The use of art, performance, among other aesthetic demonstrations is one of the main tools for organizing collective practices. We seek to directly relate theory and practice, through the deepening of two examples of aesthetic political actions: the performance "Um violador em seu caminho" by Las Tesis Collective and the video clip "Eu sou peluda" by Guerrilha Garagem band, using theoretical references of the studies of gender, sexuality and aesthetic political actions, such as Judith Butler, Michel Foucault, Terry Eagleton and the declaration of the 28 de Maio Collective.
Keywords: Aesthetic; Feminism; Politics.

INTRODUÇÃO

As ações estético-políticas e performances são elementos marcantes da estética e da organização da militância nos movimentos feministas contemporâneos. A mistura entre arte e protesto, que une corpos diversos nas ruas e no ambiente virtual, tornou-se uma característica da luta das mulheres no Brasil e ao redor do mundo. Tais práticas são embasadas e fortalecidas pelas teorias feministas e as múltiplas contribuições de autoras que foram desenvolvidas ao longo dos anos. Além disso, uma das características principais dos feminismos atuais são a viralização e a

[1] Doutora em Psicologia Clínica (PUC-Rio). Docente do Programa de Pós-Graduação em Design da PUC-Rio, Brasil. E-mail: denisep@puc-rio.br.
[2] Professor adjunto ESDI/UERJ. Doutor em Design (PUC-Rio), Brasil. E-mail: galtmayer@gmail.com.
[3] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Design da PUC-Rio, Brasil.E-mail: ninareiscortes@gmail.com.

comunicação através da internet e redes sociais, colaborando para a construção de uma nova forma de linguagem e expressão das militantes.

Neste artigo, objetiva-se relacionar a teoria com a prática, a ação, *práxis*, tangibilizando e apresentando conexões entre as ações artísticas, os conceitos teóricos, a sociedade e o contexto vivido atualmente. Para isso, apresenta-se dois exemplos de práticas feministas situadas nos movimentos contemporâneos: a performance "Um violador em seu caminho" do Coletivo *Las Tesis* e o clipe "Eu sou peluda" da banda Guerrilha Garagem.

Utiliza-se como base para tal reflexão alguns conceitos fundamentais nos estudos de gênero, sexualidade e corpos e nas pesquisas que procuram articular estética e política, como o dispositivo da sexualidade de Michel Foucault, a performatividade de gênero de Judith Butler e as ações estético-políticas explicadas no manifesto do Coletivo *28 de Maio*.

Através da análise das ações artísticas, procuramos destacar alguns aspectos do enodamento entre teoria e prática que nelas se opera, estabelecendo assim uma via para pensar as articulações entre arte e política que atravessam o feminismo contemporâneo.

OS MOVIMENTOS FEMINISTAS CONTEMPORÂNEOS

Os movimentos feministas são divididos historicamente em "ondas feministas"[4]. Os movimentos contemporâneos caracterizam a quarta onda do feminismo, marcada por organizações em coletivos, prezando conceitos de horizontalidade e autonomia. Novos usos que estão em evidência são a ocupação da rua, o uso do corpo, o uso da performance e o efeito de rede das mídias sociais, que impulsiona campanhas com o uso de *hashtags*, criando uma linguagem própria do movimento atual (HOLLANDA, 2018). Nota-se também no momento presente o protagonismo de grupos antes invisibilizados dentro da militância em questão, tais como mulheres negras, lésbicas, latino-americanas e indígenas. Outro ponto importante a ser destacado são os encontros da teoria com a prática. Vivencia-se um aumento no número de publicações diversas acerca do assunto, possibilitando maior troca na instrução teórica que retroalimenta o ativismo através da ação direta.

No contexto brasileiro, nota-se a presença das mulheres na linha de frente das mais diversas manifestações em resistência ao cenário conservador em que o país se encontra. Frentes que cada vez mais dão conta de abarcar a

[4] As "ondas feministas" referem-se à momentos históricos marcantes dentro do movimento em questão. Neste artigo, utiliza-se tal divisão temporal a fim de facilitar a compreensão e a localização nos contextos históricos. A primeira onda diz respeito ao fim do século XIX, momento em que as mulheres lutavam pelo direito ao voto (popularmente conhecidas como sufragistas), impulsionadas principalmente por ideais liberais. A segunda onda refere-se ao feminismo que surge nos Estados Unidos entre as décadas de 1960 e 1980. Situada no contexto do movimento por direitos civis, tal onda é marcada pela inserção dos debates de raça na militância em questão. Já a terceira onda surge a partir da década de 1990, colocando no centro das discussões o conceito de interseccionalidade, sugerindo que "na verdade, nem sempre lidamos com grupos distintos de pessoas e sim com grupos sobrepostos" (CREENSHAW, 2004, p. 10). As estruturas de classe, gênero e raça passam a ser inseridas nos debates com a mesma importância. No momento presente, vive-se a quarta onda feminista, que tomou força principalmente a partir da década de 2010, e será abordada com mais profundidade ao longo do texto.

complexidade entre classe, gênero e raça. As Jornadas de Junho de 2013[5] foram o pontapé para a (re)mobilização da população, organização de protestos e criação de rede de proteção e diálogo das ativistas. A voz dos coletivos, sempre masculina, foi ressignificada a partir de então, culminando em uma das reações mais rápidas protagonizada pelas mulheres, a Primavera Feminista, em 2015.

De acordo com Hollanda (2018, p. 33), "embora só em 2015 a quarta onda feminista tenha alcançado maior amplitude, capaz de atingir diferentes setores da sociedade, desde o início da década de 2010 ela já vinha mostrando sua força em manifestações públicas". A Primavera Feminista foi uma eclosão de protestos contrários a um projeto de lei do então deputado federal Eduardo Cunha[6], que objetivava dificultar o acesso de vítimas de estupro a cuidados médicos essenciais.

A partir de então é inegável a presença das mulheres na mobilização e organização dos eventos mais marcantes da atualidade. Desde as manifestações contra o estupro coletivo realizado no Rio de Janeiro em 2016[7], passando pela massiva mobilização de revolta frente ao brutal assassinato de Marielle Franco em 2018[8], o "#EleNão", movimento contra a eleição de Jair Bolsonaro[9], até os atos do dia 8 de Março, Dia Internacional da Mulher, que a cada ano conquistam novas adeptas e tomam maiores proporções. Faz-se essencial para a presente discussão situar o protagonismo feminino nos movimentos políticos atuais, além de ressaltar a presença dos diversos corpos nas ruas, da performance, das redes de apoio criadas e dos efeitos de viralização e replicação das ações, que são facilitados com o uso da internet e das redes sociais.

AÇÃO ESTÉTICO-POLÍTICA

Para fundamentar esta tentativa de articulação entre teoria e prática no feminismo de quarta onda, faz-se uso do conceito de ação estético-política como qualquer ação artística que produz efeitos na sociedade, que se realiza em "uma zona de risco (não de perigo, que fique claro) que não nos permite saber de fato do que se trata: arte ou protesto? Arte ou crime?" (COLETIVO 28 DE MAIO, 2017, p. 194). Ações estético-políticas se dão para gerar efeitos, reproduções, dissensos, subjetivações e novas possibilidades de produção e existência, pensando menos em uma relação com a imagem de um artista genial/criador, legitimadas e inseridas em instituições (re)produtoras dos valores

[5] As Jornadas de Junho, também conhecidas como manifestações dos 20 centavos, foram protestos organizados em 130 cidades do país. Mobilizando mais de 1 milhão de pessoas, os atos contestavam o aumento das tarifas nos transportes públicos.
[6] Deputado federal e presidente da Câmara dos Deputados do Brasil até 2016, quando teve seu mandato cassado e foi preso por corrupção.
[7] Uma jovem de 16 anos foi estuprada por 33 homens na Zona Oeste do Rio de Janeiro.
[8] Em Março de 2018, Marielle Franco, vereadora do Rio de Janeiro pelo PSOL, e seu motorista Anderson Gomes, foram assassinados à tiros. Até a presente data as investigações ainda não apresentam com clareza os assassinos, apesar de haver inúmeras suspeitas e especulações em torno do atual presidente Jair Bolsonaro e suas motivações políticas.
[9] Ocorreram atos em mais de 160 cidades do Brasil e 50 países ao redor do mundo. É considerada a maior manifestação já organizada por mulheres do país.

hegemônicos e normativos (COLETIVO 28 DE MAIO, 2017).

Outro ponto essencial para a discussão é a interpretação do corpo como político. As ações selecionadas são relevantes por apresentarem os corpos e a linguagem como ferramentas de resistência, acessíveis à todos os cidadãos, e capazes de potencializar e ressignificar comportamentos, estéticas e saberes.

> Todo corpo é político. A arte expressa através dos corpos, externaliza potências políticas, trabalha na ressignificação de comportamentos, na geração de novos saberes do corpo, e se converte em instrumento de guerrilha, em estratégia de defesa e resistência aos dispositivos de controle que o atravessam (ALTMAYER, 2016, p. 155).

A partir das características acima, duas ações estético-políticas foram selecionadas para exemplificar com mais profundidade algumas das múltiplas formas de expressão dos feminismos contemporâneos. Tanto a performance "Um violador em seu caminho", criada pelo coletivo feminista chileno *Las Tesis*, quanto o clipe "Eu sou peluda", da Guerrilha Garagem, são expressões artísticas que borram as fronteiras entre política, protesto e arte. Ainda que sejam ações distintas, realizadas em diferentes contextos, nota-se diversos pontos de encontro entre elas, que materializam e abordam conceitos fundamentais para os estudos de gênero.

PERFORMANCE "UM VIOLADOR EM SEU CAMINHO" - COLETIVO LAS TESIS, 2019

A performance "Um violador em seu caminho" foi criada pelo coletivo feminista chileno *Las Tesis* em 2019. As integrantes do coletivo Paula Cometa, Daffne Valdés, Sibila Sotomayor e Lea Cáceres desenvolveram o projeto como parte de uma série de intervenções teatrais que seriam lançadas dia 24 de Outubro. Porém a eclosão de protestos sociais no Chile a partir do dia 18 de Outubro impossibilitou o lançamento oficial da peça teatral.

A intenção das autoras era a de unir a teoria feminista com a prática, utilizando "um formato cênico de uma forma simples e pegajosa para que a mensagem chegasse a mais pessoas". (VARGAS, 2019)[10]. A intervenção foi realizada pela primeira vez no dia 20 de Novembro de 2019, a convite da companhia de teatro local *La Peste*, nas ruas de Valparaíso. Os registros em vídeo viralizaram e diversos convites surgiram para que as mulheres visitassem outros lugares e realizassem a performance. O Dia Internacional da Eliminação da Violência contra as Mulheres - 25 de Novembro, se aproximava e o coletivo fez uma convocação para realizar a intervenção em Santiago. A aceitação e o

[10] Entrevista concedida ao O GLOBO. Nas referências consta como: O GLOBO. Performance chilena contra estupro viraliza e chega a vários países. Disponível em:https://oglobo.globo.com/sociedade/celina/performance-chilena-contra-estupro-viraliza-chega-varios-paises-24111677. Acesso em: 7 jun. 2020.

comparecimento de ativistas foi espetacular, além da realização da performance simultaneamente em diversas localidades como, por exemplo, Barcelona, Paris, Londres, Bogotá, Nova York, entre outros.

A letra da música diz:

> O patriarcado é um juíz
> Que nos julga por nascer
> E o nosso castigo é
> A violência que não se vê
> Feminicídio
> Impunidade ao assassino
> Desaparecimento
> O estupro e sofrimento
> E a culpa não era minha, nem onde estava, nem como vestia
> O estuprador é você
> É a polícia
> São os juízes
> É o estado
> O presidente
> O estado opressor é um macho estuprador
> O estuprador é você
> Dorme tranquila
> Menina inocente
> Sem se preocupar com o bandoleiro
> Que o seu sonho
> Doce e sorridente
> Será velado por um amante *carabinero* (policial)
> O estuprador é você
> O estuprador é você.

O título "Um violador em seu caminho" é uma referência ao slogan "Um amigo em seu caminho" das campanhas publicitárias dos *Carabineros*, polícia militarizada chilena. A letra ritmada foi disponibilizada pelo coletivo, com a ideia de que fossem adaptadas aos contextos de cada país. Em São Paulo, por exemplo, ativistas realizaram a performance adicionando trechos como "Paraisópolis, foi genocídio!", referentes ao massacre policial no baile funk de Paraisópolis, que provocou nove mortos dia 1 de Dezembro de 2019. Já no Rio de Janeiro, mulheres realizaram a intervenção com trechos como "Semente, semente, Marielle está presente! O assassino dela é amigo do presidente!", referentes ao assassinato de Marielle Franco.

Para as criadoras, a intenção inicial não era a de criar um grito de protesto, mas acreditam que o fato da ação ter viralizado "se dá provavelmente porque a violência sistemática que os seres humanos sofrem a partir de estruturas do Estado moderno é viral. E se torna internacional porque, finalmente, é como um grito que cabe a todos nós dar." (PAIS, 2019).

As autoras afirmam que a letra da música é baseada em estudos da antropóloga argentina Rita Segato, professora da Universidade de Brasília, que aborda o mandato de estupro e desmistifica o estuprador como um sujeito que exerce o ato apenas por prazer sexual. As criadoras contribuem para o esclarecimento do estupro como parte de uma questão estrutural, indo contra o estereótipo da violência como problema pessoal e privado. Além disso, também há

referências ao hino dos *Carabineros*, a polícia chilena, a fim de criticar a instituição policial, que foi responsável por mais de 70 casos de abusos sexuais, incluindo ao menos 37 estupros, e do desaparecimentos de manifestantes, ao longo dos 41 dias de protestos sociais que ocorreram no Chile em 2019 (Farinelli, 2019). As vendas pretas nos olhos são utilizadas para representar a cegueira da sociedade perante a temática em questão e a violência policial aos manifestantes chilenos, atingidos por balas de borracha nos olhos, perdendo a visão, e outros traumas.

Em entrevista à *BBC* (2020), Paula Cometa também aponta a importância de se pensar a forma que o corpo ocupa a rua, "sempre entendendo que a performance também tem a ver com a forma como o corpo se posiciona politicamente na rua, que é o lugar mais perigoso para o corpo de uma mulher." Diversos detalhes foram levados em consideração na criação da coreografia. Os agachamentos fazem referência aos abusos policiais, que forçam detidas a fazer agachamentos nuas e praticam assédios em revistas. O gesto de apontar faz referência à interpelação direta e a dança no trecho "e a culpa não era minha" tem a intenção de libertar a mulher da culpa, do medo, da censura ao se manifestar, como um ato libertador e renovador.

Em junho de 2020 a polícia chilena apresentou uma queixa contra o Coletivo *Las Tesis* afirmando que um vídeo recentemente publicado pelo grupo incita reações violentas e agressivas contra as unidades policiais e seu pessoal. As integrantes do coletivo publicaram no *YouTube* o vídeo que originou à denúncia, que diz:

> Nos perseguem, bloqueiam as saídas de nossas casas, provocam, se infiltram como protestantes e começam a queimar tudo. Desfilam armados por nossas ruas. Lançam gases, golpeiam, torturam, violam, destroem, nos cegam. O Governo não escuta e renova as armas da polícia. Fogo nos *pacos* (forma de se referir aos *Carabineros*), fogo na *yuta* (expressão para nomear a polícia) (VALDÉS, 2020, tradução nossa).[11]

A queixa, apresentada no Ministério Público de Valparaíso, também aponta o coletivo como responsável por alguns casos de violência registrados durante os protestos que ocorreram em 2019. Alega-se que após a organização do *Las Tesis* e as performances realizadas,

> imediatamente houve graves incidentes de perturbação da ordem pública, barricadas, lançamento de alvos, com os consequentes danos à propriedade pública e privada, além de ferimentos de várias considerações por funcionários encarregados do controle da ordem pública (VALDÉS, 2020, tradução nossa).[12]

Passemos agora à segunda ação trazida para esta reflexão.

[11] "*Nos persiguen, bloquean las salidas de nuestras casas, provocan, se infiltran como protestantes y comienzan a quemarlo todo. Desfilan armados por nuestras calles. Lanzan gases, golpean, torturan, violan, destruyen, nos ciegan. El Gobierno no escucha y renueva las armas de la policía. Fuego a los pacos, fuego a la yuta*."

[12] "[…] *de manera inmediata se producían graves incidentes de alteración al orden público, barricadas, lanzamiento de objetivos contundentes e incendiarios, con los consiguientes daños a la propiedad pública y privada, como asimismo, lesiones de diversa consideración para los funcionarios encargados del control de orden público*."

CLIPE “EU SOU PELUDA” - GUERRILHA GARAGEM, 2019

O clipe “Eu sou peluda”[13] é de autoria da Guerrilha Garagem, dupla musical formada por Talita Del Collado e Carol Bahiense. O videoclipe é parte de um projeto musical, que conta com um álbum disponível em diversas plataformas de música. Tanto a ideia de formar a dupla, quanto de lançar o disco “Múltiplas” surgiu da necessidade sentida pelas autoras de compor músicas que descrevessem os sentimentos e vivências reais das mulheres. “A gente queria falar sobre as questões da mulher na sociedade, achar músicas que nos retratassem de uma maneira legal, sobre esse viés, com esse olhar, e não encontrávamos”, diz Carol Bahiense (informação verbal)[14]. Em suas músicas, as autoras tratam de temas como aborto, depressão pós parto, orgasmo feminino, maternidade solo e a vivência de um amor mais livre.

A experiência profissional no ramo musical é de longa data: Carol e Talita tocam juntas há 12 anos em um trio de forró. Ao longo dos anos, elas marcaram a autoralidade nos arranjos das músicas, que eram trazidas de um contexto majoritariamente masculino para o universo feminino, politizado e ativista. A criação da Guerrilha Garagem foi também a quebra de uma barreira pessoal, afirmam elas. Além de saírem do gênero musical do forró, permeando diversos outros estilos com liberdade, também deixaram de lado as releituras e *covers* que faziam no trio, investindo em um disco totalmente autoral.

> A gente tinha uma barreira pra compor, achávamos que não era um papel nosso. Sempre cantamos música de outros grandes compositores e, então, conseguimos perfurar isso por uma necessidade. A gente não encontrava o que queria. Para cantar o que estávamos sentindo precisávamos falar com as nossas palavras (informação verbal).[15]

Talita e Carol relatam que ao longo da vida foram entendendo mais intelectualmente o feminismo, despertando para uma necessidade de produzir músicas que debatessem sobre o tema. Além disso, as autoras afirmam que se depararam com “o lugar de fala de um jeito muito forte. Fez muito sentido a gente falar do que saía das nossas entranhas” (informação verbal)[16].

A experiência que originou a música “Eu sou peluda” foi pessoal. Ambas estavam de férias na praia e percebiam como eram acompanhadas pelo olhar de todos os indivíduos, por serem as únicas mulheres no ambiente que não eram depiladas.

> Quando a gente se viu na praia, com as virilhas peludas, axilas peludas, e as pessoas olhando pra gente com um

[13] Clipe “Eu sou peluda” . Disponível em: https://vimeo.com/349216368.
[14] Entrevista concedida por BAHIENSE, Carolina; DEL COLLADO, Talita. Entrevista I. [jun. 2020]. Rio de Janeiro, 2020. 6 arquivos .mp3 (34 min.).
[15] *Ibid*.
[16] Entrevista concedida por BAHIENSE, Carolina; DEL COLLADO, Talita. Entrevista I. [jun. 2020]. Rio de Janeiro, 2020. 6 arquivos .mp3 (34 min.).

> certo asco, a gente quis chutar o pau da barraca. A gente falou 'vamos falar disso do jeito mais escrachado possível', pois não é possível que tenhamos que colocar na pauta um pelo, uma coisa minúscula, quase banal, em pleno século XXI (informação verbal).[17]

Apesar de serem mulheres na presente sociedade e conviverem com diversas formas de opressão ao longo da vida, elas afirmam que a Guerrilha Garagem colocou-as em um "estado de constante percepção das coisas" (informação verbal)[18]. Ficaram ainda mais evidentes os tabus, os estereótipos, as opressões atravessadas e todas as violências sofridas pelas mulheres, em diferentes níveis e situações.

A letra da música é a seguinte:

> Aí eu falei assim pra ele ó
> Gosta de cabelo grande
> Então deixa o seu crescer
> Se acha pelo nojento
> Pega e depile você
> Minha natureza não muda
> Eu sou o que dá para ver
> Eu nasci cabeluda
> Eu sou como você
> Eu sou peluda
> Tarantula, cola velcro
> Minha aranha cabeluda
> Assim eu lido com o seu asco
> Os de baixo eu deixo
> Os de cima eu raspo
> Eu sou peluda, peluda, peluda

A escolha do funk como gênero musical se deu pela admiração das artistas por tal estilo, que segundo elas "fala na cara, sem papas na língua" (informação verbal)[19]. Além disso, uma das principais intenções era se comunicar com ironia e humor, tanto na letra da música quanto nas escolhas visuais do videoclipe.

> A gente não conseguia enxergar, falar de pelos pensando em grandes metáforas, arquitetar uma super teia de palavras e sinônimos, que seria maravilhoso, mas pensamos em fazer uma coisa meio 'na lata', pra falar de um jeito bem humorado, afinal a gente acha engraçado ter que falar de uma coisa dessas (informação verbal).[20]

Como o funk não é o estilo musical delas, por serem mulheres brancas e de classe média, também foi apontada a questão do classismo e preconceito com relação ao funk, tanto na rotina diária, quanto no cenário musical.

> O funk traz essa liberdade de falar sobre os temas com naturalidade. É aquilo e pronto. A gente admira muito. Nesse processo também descobrimos nosso próprio classismo e preconceito, é importante se abrir. Sim, há

[17] *Ibid*.
[18] *Ibid*.
[19] Entrevista concedida por BAHIENSE, Carolina; DEL COLLADO, Talita. Entrevista I. [jun. 2020]. Rio de Janeiro, 2020. 6 arquivos .mp3 (34 min.).
[20] *Ibid*.

> muitas músicas machistas e misóginas, mas isso é uma camada. É muito classista e preconceituoso resumir o funk à isso. Adotar a posição de que o funk não é para mim, é inferior, é mais uma vez adotar o processo de abafar a música negra, que é muito forte e está no mundo inteiro. Assim como o samba, é a voz da periferia, pessoas que são sempre silenciadas, e continuam sendo, pela elite, que hoje em dia usufrui e dança a música, mas continua querendo minimizá-la (informação verbal).[21]

Talita e Carol citam que relacionam os pelos à natureza da mulher. "A objetificação, manipulação, infantilização e o controle do corpo são formas de arrancar a nossa natureza e distanciar-nos de nossos próprios corpos, perdendo a nossa conexão" (informação verbal)[22]. Elas afirmam que consideram os atos de deixar os pelos e raspar a cabeça como formas de desobedecer o patriarcado e frisam que essa é a filosofia delas, mas que apoiam que as pessoas sejam livres para fazer o que quiserem e se sentirem bem, tanto que ao fim do clipe colocam um aviso "Guerrilha Garagem adverte: tirar os pelos, ou não, é uma escolha individual. Abaixo a opressão estética". Talita del Collado relata que sofreu muito na infância por ser muito peluda, e que aos 10 anos já se depilava. Durante a entrevista, ela cita que vê a sala de depilação como uma mesa de tortura e que quando parou de se depilar "foi muito forte, parece que tirei uma coleira invisível que sempre me conduzia. O sistema me conduzindo pra dentro da sala de depilação. Aquilo me alimentava de certa forma, mas hoje eu sou o contrário disso." (informação verbal)[23].

Sobre o trecho "os de baixo eu deixo e os de cima eu raspo", ambas comentam como foi significativo o processo de raspar a cabeça. O estereótipo do cabelo longo como sinal de feminilidade e sedução também atravessava o imaginário delas, gerando inseguranças e medo. Carol relata que quando raspou a cabeça "o sorriso mudou… foi como se eu olhasse os homens de outro jeito, como se eu tivesse tirado eles do pedestal… raspar a cabeça veio de um processo, mas começou outro." (informação verbal)[24].

A locação do clipe é um salão de beleza chamado Coletivo Cabeças, um coletivo de *mines*, mulheres e pessoas não binárias, que fazem cortes de cabelo e hospedam um brechó itinerante, de onde o figurino foi montado. As integrantes da Guerrilha Garagem descrevem o coletivo como um grupo muito profundo, ativista, que as fascinou por ter uma "outra relação com o 'belo' e com o 'feio'" (informação verbal)[25]. A construção estética do clipe foi feita em conjunto com o coletivo, que contribuiu com ideias como

[21] *Ibid*.
[22] *Ibid*.
[23] Entrevista concedida por BAHIENSE, Carolina; DEL COLLADO, Talita. Entrevista I. [jun. 2020]. Rio de Janeiro, 2020. 6 arquivos .mp3 (34 min.).
[24] *Ibid*.
[25] *Ibid*.

a de colar pelos nos mamilos, que não poderiam aparecer no vídeo.

O lançamento do videoclipe foi feito no *YouTube,* em julho de 2019, e poucas horas depois a obra foi vetada pela plataforma. As autoras receberam um e-mail automático justificando que o clipe poderia conter conotação sexual e nudez. Sem entender os argumentos, visto que todas as pessoas estavam vestidas de forma similar à vários outros clipes presentes naquela plataforma, pediram uma nova avaliação. O *Youtube* não só manteve a decisão, como afirmou que se houvesse insistência iria cancelar também a conta da Guerrilha Garagem na plataforma. Carol e Talita afirmam que esse episódio gerou inúmeras reflexões. Passaram a entender que as redes sociais não são tão democráticas quanto se imagina. As plataformas são privadas e regidas por leis próprias, sempre direcionando e decidindo o que cada indivíduo pode assistir ou não. Além disso, elas identificaram um caráter misógino na censura, embarreirando a pauta dos pelos, pois há diversas outras obras com pessoas vestindo biquinis e maiôs, que não foram censuradas.

Atualmente o clipe está disponível em outras plataformas *online* como o *Facebook*, *Instagram* e *Vimeo*. Durante a entrevista, elas afirmam que muitas barreiras surgiram para o impulsionamento digital nas redes sociais. Até hoje não conseguiram divulgar devidamente a obra e as poucas vezes que obtiveram maior alcance, se depararam com muitos *haters*, comentários agressivos, xingamentos e até problemas em seus outros ambientes de trabalho. Elas afirmam que todo o processo e as confusões geradas foram desgastantes e as abalaram, mas também foram sinais que o trabalho deu certo, visto que a intenção era incomodar, "queríamos cutucar a ferida mesmo e também fazer cosquinha em pessoas que também querem falar disso, que precisam, que acham interessante a nossa ousadia" (informação verbal)[26].

A música "Eu sou peluda" foi apresentada ao vivo para o público apenas uma vez. As artistas relatam que estavam em uma festa com mulheres de diferentes gerações e que todas cantavam a música alto, dançavam e se divertiam, com uma espécie de alívio. Elas identificaram a força de poder falar em voz alta, de se nomear.

> É uma vontade de falar 'a gente também é gente, a gente tem essa natureza'. Por mais que você se depile depois, tem uma coisa que reverbera no íntimo, de você poder falar disso. Parece banal o pelo, mas não é. O homem desde que nasce é livre, ele só é o que é, e é tão bonito, enquanto a gente nada serve, nosso cabelo, tamanho, rosto, idade, um monte de coisa pra negar nossa natureza (informação verbal).[27]

As artistas afirmam que a ideia não é julgar as mulheres que se sentem bem depiladas, com as sobrancelhas

[26] Entrevista concedida por BAHIENSE, Carolina; DEL COLLADO, Talita. Entrevista I. [jun. 2020]. Rio de Janeiro, 2020. 6 arquivos .mp3 (34 min.).
[27] *Ibid*.

feitas, unhas pintadas, entre outras características, e sim despertar a atenção para esse assunto. “A intenção é discutir para se ter a opção verdadeira, não dizer só ‘eu faço porque eu quero e gosto’, realmente analisar, entrar nesse processo, avaliar que o nosso senso estético é construído pelo patriarcado nessa sociedade capitalista.” (informação verbal)[28].

TEORIA E PRÁTICA

As obras descritas acima fazem reverberar aspectos teóricos essenciais para o campo de estudo sobre gênero, sexualidade e ações estético-políticas da contemporaneidade. Analisando-as pontualmente, pode-se elencar alguns aspectos que marcam essas articulações:

1. Nomear: Audre Lorde, escritora e ativista dos direitos civis, escreve a partir do seu lugar de mulher negra, lésbica e feminista, contribuindo com vivências atravessadas por diversas camadas de opressão. Em seu livro *“Sister Outsider”* (1984), a autora defende a importância de nomear as diversas formas de opressão e de se auto definir, quebrar o silêncio e não deixar que o outro, as instituições e os valores normativos definam quem somos.

> Devemos aprender com a historia do feminismo negro, que nos ensina a importância de nomear as opressões, já que não podemos combater o que não tem nome. [...] A palavra não pode ser um tabu, pois o racismo está em nós e nas pessoas que amamos - mais grave é não reconhecer e não combater a opressão (RIBEIRO, 2019, p. 9).

Nesse contexto, ao se afirmar “eu sou peluda” ou ao apontar e dizer “o estuprador é você, é a polícia, o Estado, o presidente”, as ações servem como “procedimentos por meio do quais é dado a cada um, a qualquer um, o direito de se auto subjetivar escapando assim às determinações fixas do par saber-poder.” (PIMENTEL, 2011, p. 2277). Adota-se o papel de sujeito ativo, afastando-se da passividade e de noções impostas por instituições externas.

2. Performatividade: Judith Butler (2019) cunhou o conceito de performatividade afirmando que os corpos nunca se conformam totalmente às normas impostas (no momento atual à cisheteronormatividade). A norma se dá através da performatividade, sendo necessário reiterá-la e citá-la constantemente, “a aquisição do ser mediante a citação do poder, uma citação que estabelece uma cumplicidade originária com o poder na formação do ‘eu” (BUTLER, 2019, p. 39).

Esse caráter performático se dá através do uso da linguagem, que atravessa os corpos, e produz o que nomeia, torna explícito as relações, os indivíduos considerados adequados e os considerados abjetos. Como o simbólico (as leis, normas, etc.) são frágeis e inconsistentes, há a necessidade de (re)produzi-las constantemente. As regras

[28] *Ibid*.

apenas existem na reiteração, que simultaneamente cria espaço para os sujeitos que não se ajustam aos padrões. Este espaço pode ser ocupado por qualquer um, todos são passíveis de desajustamento. A afirmação do padrão legitimado implica a existência dos desajustados/abjetos e vice-versa, trata-se de uma retroalimentação.

> Por isso, é igualmente importante pensar sobre como e até que ponto os corpos são construídos e sobre como e até que ponto os corpos *não* são construídos, e, posteriormente, perguntar como os corpos que fracassam nessa materialização fornecem o 'exterior' necessário, se não o apoio necessário, para os corpos que, na materialização da norma, se qualificam na categoria de corpos que importam (*Ibid*., p. 40).

Baseando-se nisso, os padrões estéticos impostos ao corpo da mulher, relacionando a presença de pelos como traços do masculino, da sujeira e da imperfeição, são limitados pela existência da mulher imperfeita, o estereótipo da "feminazi", peluda, lésbica, entre outras categorias às quais as mulheres se vêem obrigadas a se encaixar. A afirmação das artistas da Guerrilha Garagem "eu sou peluda" é uma constante auto definição. "O múltiplo, os variados e infinitos modos de produzir a sua própria imagem, substituem os modos estandardizados da mídia e da publicidade" (PIMENTEL, 2011, p. 2279).

Diferentemente da performance, a performatividade não é entendida "como um 'ato' singular ou deliberado, mas como uma prática reiterativa e citacional por meio da qual o discurso produz os efeitos daquilo que nomeia" (BUTLER, 2019, p. 16). A performatividade não envolve um sujeito voluntário, que decide as ações às quais irá se engajar, tampouco tem um sentido especificamente teatral. A performatividade é sustentada pelas regulações, possibilitando então a criação de contextos em que as performances podem ocorrer. Para o presente artigo, compreende-se performance como ações pontuais de cunho artístico e político, intencionais e minimamente planejadas ou ensaiadas, ainda que ocorram em ambientes externos, de difícil controle, sob influências que não podem ser monitoradas.

Sendo assim, as integrantes da Guerrilha Garagem realizam uma performance, reiterando uma contra-norma e colaborando para a criação da identidade do grupo de mulheres que se identificam. Tal ação, vista como intencional e pontual, é reflexo do contexto de vida das artistas, que também (re)produzem a contra-normatividade em suas ações do dia a dia, reiterando-as e produzindo os efeitos das mesmas. Posto isso, a performatividade permite que performances pontuais ocorram.

3. Ação estético-política: No manifesto "O que é uma ação estético-política?" (2017), o Coletivo 28 de Maio, defende que o campo de forças e os efeitos produzidos por ações estéticas e políticas não necessariamente estão inseridos em um campo de autoria artística do sistema das artes. O coletivo propõe pensar em como ações podem ser reapropriadas, serializadas, jogadas para o coletivo,

embaralhando o campo sensível compartilhado. Este é o foco principal da análise em questão.

Sendo assim, os efeitos de reprodução do clipe "Eu sou peluda" se dão de diversas maneiras, seja cantando a música, compartilhando-a em redes sociais, consumindo o trabalho em plataformas de música e até em atitudes de autoafirmação individuais como, por exemplo, com as mulheres que então se sentiram confortáveis e estimuladas a assumir seus pelos naturais. O clipe pertence aos coletivos, se converte em ferramentas reativáveis. Já os efeitos de serialização da performance "Um violador em seu caminho" são pautados na viralização das redes sociais. Por mais que seja de conhecimento geral que a coreografia e a música foram criadas pelo Coletivo *Las Tesis*, não é tão importante a autoria da ação. A reprodução em diversas localidades, com suas devidas adaptações, gera uma rede "anônima" de manifestações, que não se atrela a indivíduos ou grupos específicos, estimulando o levante das mais diferentes mulheres, corpos e individualidades a fim de se manifestar frente à uma causa comum. Além disso, ainda que haja ensaios e reuniões previamente combinadas, as artistas se submetem à diferentes reações e forças externas. O resultado final é sempre diferente um do outro, sofrendo influências do contexto e das próprias participantes envolvidas.

4. A marca "foucaultiana" no modo de irrupção dos corpos: Foucault traz inúmeras contribuições no que diz respeito à produção e manipulação de corpos dóceis na sociedade. As disciplinas, os dispositivos de poder, visam controlar e submeter os indivíduos a fim de torná-los os mais obedientes e eficazes.

> O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe (FOUCAULT, 1986, p. 127).

As características descritas pelo autor de um regime disciplinar são encontradas em diversas instituições de poder que atravessam a sociedade há décadas. Torna-se tão natural que seja assim "desde sempre", que em poucos ambientes há espaço para debater e pensar criticamente as estruturas dos sistemas de educação, saúde, prisional, religiosos, entre outros. Na performance "Um violador em seu caminho", as mulheres não só nomeiam explicitamente os dispositivos de poder quando afirmam: "É a polícia, São os juízes, É o estado, O presidente", como também evidenciam esta rede de violências, "visibiliza a maquinaria de exploração e extração de valor que implica níveis de violência cada vez maiores, e que tem um impacto diferenciado - e, por isso, estratégico - nos corpos feminizados." (GAGO, 2020, p. 72)

Além de reconhecer e nomear os dispositivos, também é de suma importância nas duas ações a apropriação dos mecanismos em questão para a subversão da norma, a criação de dissensos e de novas formas de viver e produzir saberes. Os efeitos dos dispositivos são profundos em cada indivíduo, que é produzido dentro dessa lógica de autocontrole, regulação, culpa e punição.

> Entender o corpo como uma ferramenta que, ao tomar consciência dos efeitos dos dispositivos que o atravessam - família, escola, governos, medicina, psicologia, instâncias jurídicas e religião - é capaz de se apropriar e manipular estes mecanismos para se converter em uma máquina produtora de novos sentidos, novos territórios de ocupação contranormativos e insubordinados. Este mesmo corpo que não é apenas controlado de fora para dentro, a partir do entorno social em que está inserido, mas também de dentro para fora, a partir dos atravessamentos dos diversos dispositivos que transformam ele mesmo em uma máquina de autocontrole (ALTMAYER, 2016, p. 153).

5. A estética como ideologia: Terry Eagleton, em "A Ideologia da Estética" (1993 parte de uma apreensão da estética não apenas como uma disciplina estritamente relacionada à arte e a discussão do belo, mas sim como experiência, vivência do corpo, conhecimento sensível. "O movimento de nossos afetos e aversões, de como o mundo atinge o corpo em suas superfícies sensoriais, tudo aquilo enfim que se enraíza no olhar e nas vísceras e tudo o que emerge de nossa mais banal inserção biológica no mundo" (EAGLETON, 1993, p. 17).

O autor afirma que a estética foi apropriada pela burguesia, sendo intensificada e autonomizada no contexto da luta da classe média pela hegemonia política. A estética é o elemento central da ideologia dominante da sociedade, da moral burguesa e da normatividade, ao mesmo passo em que também produz o desvio da norma. As disciplinas e as diversas maneiras de dominar a experiência humana regem a unidade harmônica da sociedade, contendo os desejos e equilibrando direitos e deveres. Entretanto, "a compulsão do poder autocrático é substituída pela compulsão mais gratificante da auto identidade do sujeito." (*Ibid*., p. 24). Ainda que o Estado tenha instrumentos e instituições de controle, enfatiza-se a obediência e os vínculos "naturais" de fidelidade. "Cada particular estético, no ato mesmo de se autodeterminar, regula e é regulado por todos os outros particulares autodeterminados." (EAGLETON, 1993, p. 26).

Relacionando diretamente com as contribuições de Michel Foucault descritas acima, entende-se que os corpos são produzidos dentro de um sistema de controle, para serem controlados, para controlarem os outros e a si mesmos. Quando normas são quebradas, como nos exemplos de ações estético-políticas abordados aqui, produz-se não só desconfortos e críticas, como também novos espaços e novas práticas que até então não eram possíveis de serem realizadas.

Em ambos os exemplos, as ativadoras das ações fazem uso de seus corpos como bandeira, para questionar as

normas de gênero, o papel da mulher na sociedade, as regras de apresentação que devem ser seguidas e a presença destes nos espaços públicos. O corpo é um "artefato no qual cada participante procura expressar alguma mensagem que o particulariza." (HOLLANDA, 2018, p. 34)

Sendo assim, compreende-se que o corpo é uma das principais marcas das ações propostas pelos movimentos feministas da contemporaneidade. O corpo que performa, o corpo que vai às ruas, o corpo que transgride regras, que é por elas limitado, que é produzido, normatizado e controlado pelas instituições de poder que o cercam. Corpos que geram ações que não demandam autoria, nem propriedade. Os feminismos contemporâneos são múltiplos e diversos e reivindicam com urgência o autocontrole e auto definição.

Tão importante quanto os suportes ou demandas propostas são as estratégias organizadas coletivamente. Apropriar-se dos mecanismos de legitimação e poder a fim de subvertê-los, despertar uma rede anônima e engajada em causas comuns e fazer uma chamada aberta ao diálogo com os mais diversos sujeitos são passos fundamentais na abordagem crítica e emancipatória. Mais do que reformar as normas, demanda-se a abolição das normas e a construção coletiva de novas práticas, modos de viver e produzir que sejam respeitados. Os gritos feministas transitam entre arte, manifestação, teorias, estética, política… ora mais um, ora mais outra, sempre tudo junta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMAYER, Carlos Guilherme. Tropicuir. *Concinnitas (online)*. Rio de Janeiro, v.1, 2016, p.152 - 171.

BAHIENSE, Carolina; DEL COLLADO, Talita. Entrevista I. [jun. 2020]. Entrevistador: Nina Reis Côrtes. Rio de Janeiro, 2020. 6 arquivos .mp3 (34 min.).

BORBA, Rodrigo. *A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais.* Cad. Pagu. Campinas, n. 43, Jul-Dez. 2014.

BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do "sexo"*. São Paulo: N-1 Edições. 2019.

COLETIVO 28 DE MAIO. *O que é uma ação estético-política? (um contramanifesto).* Vazantes. Fortaleza, v.1, n.1, 2017.

CRENSHAW, Kimberlé. *A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero*. Cruzamento: raça e gênero. Brasília, 2004.

EAGLETON, Terry. *A ideologia da estética*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1993.

FARINELLI, Victor. *Feministas chilenas viralizam vídeo com performance que denuncia abusos sexuais cometidos pela polícia*. Disponível em: https://revistaforum.com.br/global/feministas-chilenas-viralizam-video-com-performance-que-denuncia-abusos-sexuais-cometidos-pela-policia/. Acesso em: 25 jun. 2020.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1986.

GAGO, Verónica. *A potência feminista, ou o desejo de transformar tudo*. São Paulo: Ed. Elefante, 2020.

GALVANI, Giovanna. *O estuprador é você: música feminista contra violência percorre o mundo*. Disponível em: :https://www.cartacapital.com.br/diversidade/o-estuprador-e-voce-musica-feminista-contra-violencia-percorre-o-mundo/. Acesso em: 25 jun. 2020.

GUERRILHA GARAGEM. *Clipe Eu sou Peluda*. Disponível em: https://vimeo.com/349216368. Acesso em: 7 jun. 2020.
HOLLANDA, Heloisa. *Explosão feminista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

LOPES, Juca. *O estuprador é você - el violador éres tu* - São Paulo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?time_continue=7&v=zaN0tlHBmkw&feature=emb_logo. Acesso em: 7 jun. 2020

LORDE, Audre. *Sister outsider: essays and speeches*. Crossing Press, 2012.

O GLOBO. *Performance chilena contra estupro viraliza e chega a vários países.* Disponível em: https://oglobo.globo.com/sociedade/celina/performance-chilena-contra-estupro-viraliza-chega-varios-paises-24111677. Acesso em: 7 jun. 2020.

O GLOBO. *O estuprador é você: Protesto de chilenas é replicado no mundo.* Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=gD5CKuBOt3s&feature=emb_title. Acesso em: 7 jun. 2020.

PAIS, A. *O estuprador é você: o que pensam as criadoras do hino feminista que virou fenômeno global.* Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/geral-50711095. Acesso em: 7 jun. 2020.

PIMENTEL, Mariana. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade estética ou JR*. Anais do Encontro Nacional da ANPAP. Rio de Janeiro, 2011.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno Manual Antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

VALDÉS, Alberto. *La Policía chilena denuncia a las creadoras de 'Un Violador en tu caminho' por incitar a la violencia en su contra*. Disponível em: https://www.20minutos.es/noticia/4294202/0/la-policia-chilena-denuncia-a-las-creadoras-de-un-violador-en-tu-camino-por-incitar-a-la-violencia-en-su-contra/. Acesso em: 25 jun. 2020.